



**Uma luz
no fim do túnel**
por Luca Baldovino

Uma luz no fim do túnel

Luca Baldovino*

publicado em 23/12/2021

As memórias da penúltima viagem internacional que tivemos pré-pandemia, em março de 2020, ainda estão fortes no meu corpo. Eu estava com parte do elenco em um espetáculo da Companhia em Ubatuba, litoral de São Paulo, e iria embarcar para encontrar o grupo na França dias depois. Na sexta-feira, minha única manhã livre, quando coloquei o pé na areia, meu telefone tocou. Era a Inês Bogéa, diretora artística e executiva da SPCD. “Luca, os teatros fecharam. Temos que voltar para Brasil!”. Lembro que me sentei num quiosque e comecei a fazer muitas ligações, porque se embarcar um grupo com média de 30 pessoas não é fácil em tempos normais, imagine quando os voos estão lotados, os aeroportos fechados e enfrentamos uma pandemia. Mas conseguimos trazer todos de volta no domingo e em segurança. Após a volta, todos ficaram de quarentena e em seguida seguimos totalmente em home office até julho de 2020.

Essa turnê que acabamos de fazer em cinco cidades na Alemanha (Fürth, Gutersloh, Ludwigsburg, Ludwigshafen, Friedrichshafen) e duas na Suíça (Fribourg e Morges) foi a reposição de uma outra turnê de 2020, que começou a ser desenhada em 2018.

Para começarmos a organização de uma turnê no exterior, apresentamos o repertório e o material de divulgação das obras ao agente – no caso desta turnê, Meinhad Hubert – para que ele possa mostrar aos produtores dos teatros a diversidade e a pluralidade dos programas. Existem companhias que viajam com uma única obra ou um único programa. Nós quase sempre viajamos com um

programa que chamamos de triple bill: três diferentes obras e/ou linguagens na mesma noite, escolhidas pelo programador, curador ou diretor de cada teatro. Na Alemanha, por exemplo, existem programadores que estão nos mesmos teatros há mais de 30 anos. Eles conhecem a comunidade e sabem o que ela gosta de ver. Existe o mais ousado, o mais conservador...

Fechamos as turnês por partes para entender como combinar os programas, o número de pessoas envolvidas, ver a logística, o retorno financeiro, o rider (documento com os aspectos técnicos de um espetáculo ou de uma sala), o deslocamento entre as cidades, se enviaremos a cenografia via mar ou terra, se é preciso exportar algo, fazer os contratos com cada teatro de acordo com a legislação de cada país.

Nessa viagem, por exemplo, levamos oito malas extras, com figurinos e adereços, entre outros. Depois de tudo certo – elenco, programas, hotéis, passagens, traslados, chegadas –, é o momento de ir para o palco, fazer a montagem técnica e os ensaios para que, quando a cortina se abra, o espetáculo aconteça e dialogue com todos pela potência das obras e das conexões humanas – uma sensação que nesse momento todos merecemos ter depois de um hiato tão grande fora dos palcos. E sentimos isso fortemente nessa turnê: as pessoas estavam gratas de estarem nos vendo de novo. E a gente idem, por podermos levar a nossa arte para os mais diferentes palcos e públicos do mundo.

Confesso que a montagem, atualmente, não é das coisas que mais me preocupam. A nossa equipe de produção e técnica já está acostumada, sabe o que fazer, e, como voltamos a muitos palcos conhecidos, ela consegue, junto com as equipes locais, adiantar parte do trabalho em reuniões prévias. Nem sempre foi assim. Com o tempo aprendemos juntos a criar uma excelência na execução. Assisto aos espetáculos da plateia, com um rádio, porque estou ao lado da Inês, em contato com a equipe que está lá atrás com o elenco o tempo inteiro. Se acontece algo, sabemos na hora e temos em mente alternativas para podermos resolver o problema.

Existe também um trabalho de relacionamento – antes, durante e depois das apresentações – com os diretores, programadores, imprensa e comunidade local.

Quando cheguei na Europa nesta temporada e pisei no primeiro palco, em Fürth, tive a sensação de que existia luz no final do túnel, que aos poucos estamos voltando para uma certa normalidade mesmo com todos ainda muito sensíveis e com tudo à flor da pele. Tivemos sorte, pois muitas cidades começaram a ter restrições depois das nossas apresentações. Em Friedrichshafen, por exemplo, dançamos num sábado e, na segunda-feira, os eventos culturais foram suspensos. Isso deixava uma tensão no ar. A gente torcia para que a pandemia não piorasse. Tínhamos de entender se iríamos conseguir fazer as cidades seguintes, se as pessoas estavam seguras e se conseguiríamos voltar para o Brasil caso fosse necessário.

De fato, o mais difícil para mim em termos de produção, antes da viagem, foi entender a logística de cada país com relação à Covid-19 e as vacinas, e, depois, com as atualizações de cada lugar. As normas mudavam a todo instante. Cada cidade tinha um protocolo diferente. Por exemplo: um teatro vendeu 50% da sua capacidade; em outro tínhamos que entrar de máscara, mas na plateia você poderia ficar sem. Na Alemanha, fizemos muitos testes nos teatros. Na Suíça, exigem um certificado de vacina próprio, emitido após testes realizados nas farmácias, que vale por dois dias. Sem contar os PCRs para embarcar e para desembarcar no Brasil. Foi um tempo novo, revelador, mas de muito aprendizado.

O que fica é um sentimento de coletividade de todos que trabalham na Companhia, o apoio, a generosidade, a força, o profissionalismo, o cuidado. O prazer de ver os teatros lotados, o carinho e, claro, os aplausos da plateia. Os alemães aplaudem em uníssono, são aplausos longos, com várias aberturas de cortina para agradecimento, e eles batem o pé no chão, repercutem o que sentem e isso faz o nosso corpo vibrar. Os suíços aplaudem de pé quando realmente se sentem envolvidos totalmente pelo espetáculo, são aplausos calorosos e intensos.

Seja na plateia ou nos bastidores, todos ali entenderam o esforço de uma companhia brasileira de sair da sua casa nesse momento para levar a sua arte para outro país. E tanto o público quanto a crítica ressaltaram a força da nossa dança. Nos sentimos abraçados, levamos arte e fizemos o que nos propomos a fazer.

* Em depoimento a Marcela Benvegnu

LUCA BALDOVINO é Superintendente de Produção da São Paulo Companhia de Dança desde 2010, onde atuou anteriormente como Coordenador de Produção. Profissional com larga experiência nas áreas de técnica, produção e agenciamento, reúne uma série de competências pela sua carreira com passagens como Diretor Teatral (peças como *Jogo de Cena*, com Stênio Garcia; *Mistério Buffo*, de Dario Fo, com Luiz Furlanetto), Cenógrafo (*Pantaleão e as Visitadoras*, de Vargas Llosa, com direção de Ulysses Cruz, com Cássia Kiss, Antonio Calloni e Alexandre Borges, entre outras), Diretor Técnico (*La Fura dels Baus*, no Sesc Interlagos - 1995; *Madredeus*, em São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas -1995; Festival Internacional de Artes Cênicas (1994, 1995, 1996 e 1998,); Dance Theatre of Harlem -1996 – entre outros), Produtor Executivo (como na participação francesa no Fórum Cultural Mundial - 2004; da ópera *La Cenerentola*, na reinauguração do Theatro São Pedro, em São Paulo - 1998; da obra *Ricardo III* de Shakespeare, com Stênio Garcia - 1993), além de também ter trabalhado como cenógrafo, figurinista, agente, ator e bailarino em diferentes obras e instituições.

Para citar este texto como fonte de pesquisa utilize o modelo abaixo:
BALDOVINO, Luca. In: Uma luz no fim do túnel. São Paulo: São Paulo Companhia de Dança, 2021. Disponível em <<https://spcd.com.br/memoria/olhares/>>. Acessado em (DIA/MÊS/ANO)